

PONTIFÍCIO COLÉGIO PIO BRASILEIRO  
FESTA DO DIA DA PÁTRIA  
VÉSPERA DO XXIII DOMINGO DO T. C. – HOMILIA  
ROMA, 07 de setembro de 2019

Caríssimos irmãos e irmãs em Nosso Senhor Jesus Cristo.

O livro da Sabedoria nos lança um questionamento: “Qual é o homem que pode conhecer os desígnios de Deus?” (Sb 9,13). E adverte o redator bíblico: “Na verdade, os pensamentos dos mortais são tímidos e nossas reflexões incertas” (Sb 9,13). Mais adiante continua o texto: “mal podemos conhecer o que há na terra, e com muito custo compreendemos o que está ao alcance de nossas mãos” (Sb 9,16). As ciências naturais são imprescindíveis para que o conhecimento humano atinja a realidade das coisas. As ciências humanas ajudam-nos a compreender o que é o ser humano e suas relações. A filosofia nos resgata das trevas da ignorância e da mera opinião. Para obter as ciências e a filosofia, é imprescindível educação de qualidade. Já a sabedoria nos ajuda a enxergar o ser humano e a realidade com o olhar a partir das virtudes. A junção das ciências, da filosofia e da sabedoria alça o ser humano a um patamar mais elevado, não de narcisismo ou autorreferencialidade, mas da verdade que liberta (cf. Jo 8,32). Há, por fim, a Sabedoria do alto, mediante a qual fomos salvos (cf. Sb 9,18d). E essa Sabedoria se encarnou, entrou na História e recebeu um nome: Jesus Cristo.

Segundo Lucas, Jesus se voltou para as grandes multidões que o seguiam e apresentou três verbos que expressam as condições para o seu discipulado: renunciar a tudo, assumir a cruz e colocar-se no seu seguimento. Ser discípulo de Jesus não é procurar um mundo de vantagens e conforto na vida. A retribuição e a prosperidade são já aqui ultrapassadas pelas próprias palavras do Senhor. O que o Mestre propõe é a radicalidade do seu seguimento. É essa Sabedoria encarnada e sua mensagem salvífica a única referencialidade para todo ser humano que busca a verdade e o sentido mais perfeito de existência.

O Apóstolo Paulo assumiu essa radicalidade em sua vida, como ouvimos na Segunda Leitura. Encontra-se na prisão, em Éfeso, por causa do Evangelho. Dalí, intercede ao seu amigo Filemon, em favor de um escravo fugitivo, que o Apóstolo havia convertido ao cristianismo. Para Paulo, o escravo se tornara como o seu próprio coração. Com afeto, ele o chama “irmão querido” (cf. Fm 12.16). É essa a atitude de quem se coloca no seguimento de Jesus Cristo: acolher os pequeninos, oprimidos e sofredores e interceder por eles; ser o porta-voz das minorias e garantir o respeito pela dignidade do ser humano; é continuar assumindo a cruz de Nosso Senhor pelos caminhos da História; é ouvir o grito dos excluídos.

Ao celebrarmos o centésimo nonagésimo sétimo aniversário da independência do Brasil, nosso olhar se volta, além-mar, para a nossa nação. A pluralidade de nossa gente, formada a partir de tantas etnias, nos garante o colorido da vida, a diversidade cultural e a tolerância para com o diferente. A história do povo brasileiro é a história da imigração de tantos povos, da Europa, da África e da Ásia para a Terra da Pindorama, onde viviam os

indígenas numa belíssima pluralidade étnica. A junção da beleza natural e dessas inúmeras culturas forma a diversidade de nossa nação.

A Igreja sempre teve uma ação preponderante na história de nosso país, desde os primeiros franciscanos que lá se aportaram, nas naus de Pedro Álvares Cabral, empunhando a cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo e seu Evangelho. Pero Vaz de Caminha relatou a docilidade com que os indígenas assistiam a primeira missa celebrada por Frei Henrique de Coimbra, considerando-os inocentes e fáceis de evangelizar. Infelizmente, a espada foi desembainhada e o que se seguiu foi uma história de dominação e colonização, na qual inúmeros habitantes da nova terra foram dizimados.

Aos franciscanos, juntaram-se os jesuítas e depois tantas ordens e congregações para levar a Sabedoria encarnada à Terra de Santa Cruz. A força viva do Evangelho e da cruz fez a Igreja atuar em duas frentes importantes, uma caritativa e outra profética, ambas complementares. Até hoje, inúmeras instituições filantrópicas são mantidas pela Igreja: pensemos nos muitos hospitais, asilos, creches, universidades, colégios, centros de distribuição de alimentos, agasalhos, missão entre os indígenas e outras minorias, dentre incontáveis iniciativas para socorrer os mais necessitados. A Igreja tem se mostrado, também, a voz dos que não têm voz, o brado pela justiça, pela liberdade e pelos direitos inalienáveis da pessoa humana. Toda essa sua ação, credencia a Igreja como uma das mais importantes e respeitadas instituições do país. Muitas vezes sua missão não é compreendida, porque é ela discípula de Jesus Cristo e se coloca na radicalidade do discipulado, renuncia às tentações do poder, assume a cruz de Nosso Senhor e se dispõe a seguir o Mestre.

A proclamação da independência do Brasil, no dia 7 de setembro de 1922, conferiu à nova nação o status de um dos maiores países do planeta, com diversidade cultural e étnica admiradas por todo o mundo. Logo, a nova nação se fez reconhecer por vários países. O Brasil e a Santa Sé mantêm relações diplomáticas desde 23 de janeiro de 1826, quando o Papa Leão XII recebeu as cartas credenciais de Monsenhor Francisco Corrêa Vidigal, que havia sido enviado a Roma por D. Pedro I para efetuar gestões em favor do reconhecimento da Independência. Apenas três anos depois, Monsenhor Pedro Ostini foi acreditado junto ao Imperador Dom Pedro I e designado Delegado Apostólico para toda a América Latina. Durante o século XIX até 1919, o Brasil foi representado junto à Santa Sé por uma Legação cuja direção era exercida por um Ministro ou por um Encarregado de Negócios. Em janeiro de 1919, a representação brasileira foi alçada ao nível de Embaixada.

Hoje temos a grata satisfação de agradecer a Deus por esses 100 anos de existência da Embaixada do Brasil junto à Santa Sé. Trata-se de uma história de grandes e nobres vultos que se apresentaram diante dos papas, durante esses anos, para representar, oficialmente, a nação brasileira, a mais católica do mundo. Reconhecemos a importância do Instituto Rio Branco, pela seriedade com que capacita os diplomatas brasileiros, através de rigoroso processo seletivo e formação sólida, o que faz dele referência internacional como academia diplomática. Em seus quase 70 anos de existência, já formou mais de 2.000

diplomatas de carreira para a desafiante missão de representar o Brasil nas diversas partes do mundo.

Nesta celebração louvamos a Deus, também, pelos 40 anos de presença das Irmãs Filhas do Amor Divino em nosso Colégio. Enviadas pela Província de Nossa Senhora da Anunciação, no sul do Brasil, aqui “foram acolhidas com imensa alegria” no dia 13 de setembro de 1979 e instalaram a Comunidade do Sagrado Coração de Jesus no interior do Colégio, para estar a serviço desta importante instituição da Igreja do Brasil na cidade de Roma. Desde aquela data até os dias de hoje as Irmãs se dedicam, com carinho e atenção, a todas as necessidades dessa casa. Como Filhas do Amor Divino, exalam entre nós o aroma do amor, que é a característica da Trindade Santa, o Amor Divino. Em seu silêncio, simplicidade e testemunho evangélico, anunciam o propósito mesmo de Jesus Cristo: “servir e não ser servido” (Mt 20,28). Que Deus recompense a Congregação por tamanho amor e serviço.

Na sua mensagem pelo Dia da Pátria, o Presidente da CNBB, Dom Walmor Oliveira de Azevedo, afirma que a pátria somente ganha unidade quando se caminha e se labuta sob o signo da solidariedade, do respeito e do amor. Diz ele: “O Dia da Pátria nos convida a refletir sobre a importância de buscarmos cada vez mais cultivar a cidadania. O compromisso com a pátria não deve ser de uma ou outra instância da sociedade, mas de todos os atores sociais”. Para isso, é preciso superar a polaridade, na busca do diálogo, em benefício do bem maior de nossa nação.

Deus abençoe o povo brasileiro e que o Coração de Jesus seja o refúgio de todos os corações, especialmente dos mais tristes e abatidos. Que Nossa Senhora Aparecida, Rainha e Padroeira de nossa Pátria, proteja a todos com seu manto e que São José de Anchieta, Apóstolo do Brasil, confirme a Igreja na missão de anunciar o Evangelho de Jesus Cristo.